
O ECLECTISMO EM DAVID MOURÃO-FERREIRA (A PROPÓSITO DA REVISTA *GRAAL* 1956-1957)

MARÍLIA REGINA BRITO

David Mourão-Ferreira is one of the best writers of the second half of this century. In spite of his death, in June 1996, he is closer to us due to his long and multiple work. During his life, he has given his precious collaboration to many newspapers and magazines, here in Portugal and in other countries, such as Brazil, Africa, Spain, France, Germany, Brazil, Africa... This article celebrates his eclecticism, in the texts he wrote at *Graal*. His talent and sensibility are spread in all types of writing: poetry, theatre plays, tales, criticism articles, chronicles, essays...

David Mourão-Ferreira é um dos melhores escritores da segunda metade deste século. Apesar da sua morte, em Junho de 1996, está mais perto de nós, devido à sua longa e múltipla obra. Durante a sua vida, deu a preciosa colaboração em muitos jornais e revistas, aqui em Portugal e noutros países, tais como Brasil, África, Espanha, França, Alemanha... Este artigo celebra o seu eclectismo, nos textos que escreveu em *Graal*. O seu talento e a sua sensibilidade estão espalhados por todos os tipos de escrita: poesia, ficção, teatro, artigos de crítica, crónicas, ensaios...

As revistas literárias são publicações periódicas, produzidas em grupo, efémeras pela sua fragilidade material. Apenas os colecionadores apaixonados pelas letras e pelas artes, e os bibliófilos as conservam, religiosamente. Além do seu preço acessível, têm a vantagem de proporcionar uma leitura selectiva, isto é, o leitor só lê o que realmente lhe interessa, e pela ordem que quer. Dada a sua natureza precária, tão diversa da do livro, as revistas excepcionalmente são reeditadas.

A propósito destas publicações, Óscar Lopes dá conta das características do fenómeno editorial da época: "Logo no início, o último decénio de poesia portuguesa apresenta um fenómeno editorial característico: o pulular de pequenas brochuras de poesia e crítica de autoria vária, em séries declaradamente não periódicas, identificáveis pelo título, pela aparência e por um grupo de organizadores às vezes quase tão instável como a própria

O ECLECTISMO EM DAVID MOURÃO-FERREIRA

série, mesmo quando, por assim dizer, ela não morre de morte natural." (Óscar Lopes, s/d: 336).

O aparecimento generalizado das revistas literárias foi a solução encontrada para vencer as inúmeras dificuldades de edição literária, mormente a da Censura. Revestem-se de importância fundamental, já que são um lugar de afirmação colectiva, porque espaço de produção do grupo que as define. Este sentido de coesão é, desde logo, anunciado no título delas, como sejam a *Távola Redonda*, a *Árvore*, o **Graal**... Afirmado o grupo, cabe à revista o papel de o lançar, de o promover, assumindo-se, assim, como reveladora de novos valores. Não raro, a posterior obra de cada elemento evidencia marcas do projecto do grupo, como acontece com o mito da demanda, presente na *Távola Redonda* e na obra poética de David Mourão-Ferreira.

A revista **Graal** representa como que uma continuidade da *Távola Redonda*, já que o director da nova publicação literária foi um dos seus fundadores, e grande parte dos colaboradores daquelas "folhas de poesia" pertence ao corpo redactorial, ou nela continuam a publicar os seus escritos. Trata-se, afinal, de "uma revista portuguesa e uma revista de geração, da chamada Geração de Cinquenta", que se apresenta "a um tempo, como revista de criação e de crítica estéticas" (Couto Viana, *Graal* 1: 4).

Graal – para além da feição mítica que encerra este nome –, é também o título de uma revista literária que surge em Maio de 1956, dois anos depois de ter terminado a *Távola Redonda*. É António Manuel Couto Viana quem justifica este título (*Graal* 1: 4):

Graal, como escolha de título, dirá já, porventura, alguma coisa a tal respeito. (...) Símbolo multissecular da aventura com finalidade, da busca e do desígnio, *Graal* significa, também para nós, um alvo a atingir: através dos diferentes caminhos individuais, e dentro de condições de espaço e de tempo a que não nos furtamos, a realização de um comum ideal de Cultura.

Com a indicação, na capa, da natureza da publicação – *Poesia. Teatro. Ficção. Ensaio. Crítica.* –, a revista **Graal** pretende ser bimestral, e tem o privilégio de contar com nomes como Maria de Lourdes Belchior, Fernando de Paços, Goulart Nogueira, Luiz de Macedo e Manuel Antunes – para além de David Mourão-Ferreira – como redactores. Sediada em Lisboa, como a *Távola Redonda*, o próprio título escolhido para a nova publicação está também intimamente ligado ao clima medievo da matéria da Bretanha, e à nobre missão dos "cavaleiros-poetas" de Cinquenta.

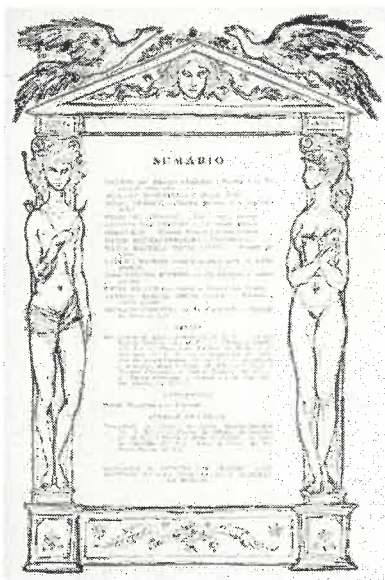
Logo no número inaugural, se verifica que – na linha das revistas literárias modernistas – há uma feliz complementaridade entre a literatura e o

desenho, transformando-se, assim, numa revista agradável, do ponto de vista estético, a começar pelas capas (Figura 1, *Graal 1*),

90



e pelas vinhetas (Figura 2, *Graal 2: 3*),



sempre semelhantes umas às outras, nos quatro números publicados –, concebidas por um dos *habitués* da *Távola Redonda*, António Vaz Pereira, que igualmente colabora, no seu interior, com ilustrações cuidadas.

Como poeta – que acima de tudo é –, David Mourão-Ferreira, co-fundador da *Távola Redonda*, colabora, neste primeiro número, com um longo poema, a que chama "Grinalda para o Próximo Terramoto de Lisboa" (*Graal* 1: 34-37), encimado pelo desenho clássico e alegórico de um arauto (Figura 3, *Graal* 1: 34),

36



metaforicamente anunciador de outro "terramoto", tão grave quanto o foi o de Lisboa, em 1755. Dividido em quatro partes, este texto narrativo em verso – a fazer lembrar os *rimances* populares tradicionais, ou mesmo, as ladainhas –, apresenta um aspecto formal muito diversificado, o que torna o seu ritmo ora rápido e sincopado, ora lento e arrastado. A sua temática, a raia do apocalíptico – como apocalíptico foi o referido terramoto – é metáfora subtil dos tempos conturbados em que vive o povo português, gerados pela falta de democracia e de liberdade. Assim, na primeira parte desta "Grinalda", o poeta dá-nos conta do *clima* que antecede a tragédia, prefigurada nos "negros lençóis", num movimento que vai do geral – "a cidade" –, para o particular, – "um corpo" (*Graal* 1: 34):

Vai deslizando a cidade
(cai a tarde)
entre duas noites gémeas,
tão eternas!, tão efémeras!
– como um corpo fatigado
(cai a tarde),
um corpo por entre dois
negros lençóis...

Marcando a progressão temporal e o presságio da desgraça, que se vai apoderando de "nós", patenteados na gradação ascendente de sentimentos sombrios, que vão da "tristeza" à "angústia", o sujeito lírico fala-nos das "saudades do Sol", naquela "Noite do céu", metáfora da opressão em que Portugal se vê mergulhado (*Graal 1: 35-36*):

Noite do céu, aconchega
bem o rosto da cidade!
Noite do céu, que tristeza
nos invade?
Noite do céu, nem na dobra
de luar do teu lençol
(ah! que saudades do Sol!)
tamanha angústia soçobra.

É deplorando a sorte do povo lusitano, – "Ai de nós, que mal cuidamos / do perigo!"–, e animizando a cidade das sete colinas, "E nas tetas das colinas / para nós, que leite ordenhas?", que o poeta antevê a catástrofe, de um modo tão real que sugere o desenrolar da acção de um filme de terror, a que o advérbio de designação "Eis" introduz e presentifica:

Eis que num primeiro andar,
quase a boiar sobre o Tejo,
a um papagaio empalhado
e a um milhafre pintado
num azulejo
lhes tremem, súbito, as asas;
e antes que tremam as casas
buscam, aflitos, o ar.

Perante a visão de tão sinistro espectáculo, o sujeito poético convoca, repetidamente, a ajuda divina: – "Vem ó Anjo tutelar da luminosa, leviana, / mística, fútil, profana / cidade dos terramotos, /– vem, ó Anjo!, jugular / o terror dos próprios mortos!", descrevendo a cena com um realismo felliniano, e já num ritmo muito mais rápido (*Graal 1: 36*):

Salta o esgoto,
cai o muro,
morre o porco
no monturo;
e no porto
o sussurro
dos navios
enche o escuro;
ardem corpos,
ardem blocos,
cresce o rio;
sobre os puros
e os impuros,

tomba o frio
prematuredo do futuro;
grasna o corvo
que assistiu
a um outro
terramoto.
Terramoto,
te esconjuro!

(...)

38

Grito vão,
sem remorso
nem perdão,
sobre o dorso
deste mundo
inseguro...
Terramoto!
Terramoto,
te esconjuro!

"Terramoto / Terramoto, / te esconjuro!" – maneira hábil de evitar a Censura que o regime salazarista instaurou: o recurso a uma sucessão de metáforas – qual alegoria –, para denunciar o ambiente de insegurança e de medo, pois "o medo é um cogumelo fugidio...". Outrossim, num processo gradativo, por entre "impropérios e morte" (*Graal 1*: 36-37), o eu lírico interroga-se, num misto de angústia, mas também de esperança :

Por entre as trevas, sobre os escombros,
vamo-nos vendo, e encontrando
a própria voz. Que reencontros!
que mãos silentes sobre os ombros!
Desse milhão e tal que fomos,
quantos restamos? E até quando
a própria voz, sobre os escombros,
noutros iremos encontrar?

Pergunta retórica que fica no ar, e que só há-de – finalmente – ter resposta com a "revolução dos cravos", em Abril de 74 (*Graal 1*: 37):

Ah! Foi precisa esta agonia
para afinal apercebermos
que tudo quanto dividia
as nossas vozes poderia
harmonizar-se em litania
aos moribundos e aos enfermos...!
- que só na última agonia
irmãos e unânimes seremos!

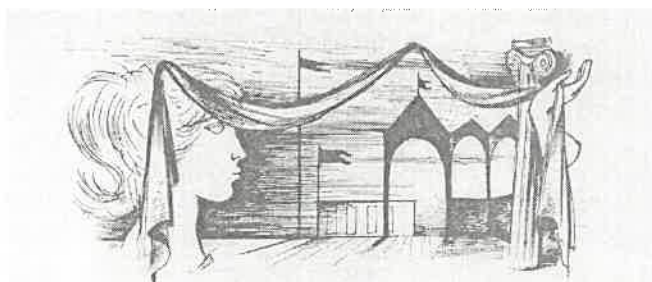
Há, na revista *Graal*, o sentimento de uma civilização em perigo e, como tal, a metáfora do terramoto é recorrente, não só neste texto de David como, também, em textos de Fernando Paços, (*Graal 1*: 75) e de Goulart Nogueira (*Graal 2*: 114 a 117).

Do mesmo modo, o amor é temática central na geração de *Graal*, sequência literária natural da *Távola Redonda*. Assim sendo, já no número de estreia o privilegia o autor de *A Secreta Viagem*, que escreve o ensaio "O tema de Amor na Poesia de Vinicius de Moraes" (*Graal 1*: 86-96), onde é nítida a admiração que a poesia deste modernista brasileiro – e cultor da Mulher, como poucos – lhe desperta, e a influência que nele exercerá, no tratamento poético do amor. Naturalmente, na poesia davidiana como na de Vinicius, a mulher é "exalçada nos seus direitos e na sua dignidade" (*Graal 1*: 91). David assevera, desde logo, que, para o poeta de "A Mulher que Passa", "idealmente, seria desejável a não-realização da intimidade física", ainda que tal não seja "humanamente exequível, pois «A carne» tem cegas exigências; o instinto, irrecusáveis e lóbregos direitos" (*Graal 1*: 95).

Como crítico, Mourão-Ferreira faz, também, uma apreciação elogiosa ao conjunto da obra literária de Thomas Mann (*Graal 1*: 98), que, para além do "genial escritor (...) que soube ser", foi o expoente máximo do humanismo europeu. E cita a "crença" que norteia todo o romancista – «o homem é a medida de todas as coisas», que veio ultrapassar o teocentrismo medieval.

Nomes como Fernando Guedes, Luiz de Macedo, Henrique Segurado, Maria de Lourdes Belchior, Fernando Echevarria Ferreira e Matilde Rosa Araújo, para além do próprio director desta revista – Couto Viana –, de Manuel Antunes, Fernando Paços, Tavares Rodrigues, Fernanda Botelho e Mourão-Ferreira, já citados, colaboram neste primeiro número, com textos quer em verso quer em prosa, estando o género dramático igualmente presente.

Eclético, David colabora como dramaturgo, no segundo número, com uma peça intitulada "Contrabando" (*Graal 2*: 152-163), cuja publicação é ilustrada com elementos alusivos ao teatro: um palco, onde se vêem, ao fundo, cenários que repousam desarrumados e, em primeiro plano, o "pano", que visa estabelecer uma conexão entre a ideia do autor do texto dramático – prefigurada na cabeça da musa – e o braço do actor, ferramenta da sua expressão (Figura 4, *Graal 2*: 152).



CONTRABANDO

Deste modo sugestivo, é recriado, pelo desenho, o ambiente propício à leitura da referida peça de teatro, em apenas um acto. Escrita seis anos antes, em Abril de 56, é levada à cena, na ocasião, uma "meia dúzia de vezes", no "teatrinho do Salitre", "perante sete ou oito centenas de espectadores" (*Graal 2*: 163). A encenação esteve a cargo do também "cavaleiro-poeta" Couto Viana, num projecto de continuidade antevisto na *Távola*. Pela afeição que une os dois, pelo respeito mútuo e apoio incondicional que lhe deu este "autor, actor e encenador, criador, em Portugal, de um teatro infantil verdadeiramente digno desta designação", David – na "Nota Final" com que remata a publicação desta peça –, cumpre "o gratíssimo dever de inscrever o seu nome, nome tão sarcasticamente escamoteado pelos que desde já fingem esboçar a história do teatro português contemporâneo." Por último, o jovem dramaturgo – se assim se pode chamar ao autor de *Corpo Iluminado* – recorda, com amizade e profunda admiração, o Prof. Gino Saviotti, que lhe ensinou tudo sobre teatro e arte em geral, ensino, esse, privilegiando os "dois planos – técnico e ético – que são, em arte, os únicos susceptíveis de aprendizagem." (*Graal 2*: 163). Em *Contrabando*, o seu autor aborda as complexas relações homem/mulher, condenadas, muitas vezes, por infidelidades e ciúmes. Insinua-se o triângulo amoroso, um pouco à maneira de Pirandello, gerador de conflitos irresolúveis.

Como memorialista, o jovem David Mourão-Ferreira, cujo talento já se evidencia multifacetado, escreve um longo texto a propósito da recente morte de Ernst-Robert Curtius, em Roma, – a Cidade Eterna pela qual ambos sentem uma verdadeira paixão. (*Graal 2*: 195-196) Sendo assim, começa por citar uma afirmação deste crítico, investigador e ensaísta de renome: «Roma é a mãe do Ocidente. Eu tinha lido, no Camposanto, perto de São Pedro, a inscrição: *Teutones in pace*; eis uma expressão que tentei traduzir à minha maneira.» (*Graal 2*: 195) E, sentindo uma empatia muito grande com este "grande erudito, mas também medularmente artista",

nomeadamente em relação à sua veneração pela vetusta capital italiana, o poeta de *In Memoriam Memoriam* comenta, comovido:

O destino, pródigo muitas vezes em singulares coincidências, acaba de cumular estas palavras de Curtius de uma patética significação: em Roma encontrou a paz, a derradeira, este grande espírito teutónico, alsaciano de nascimento, cidadão da România – cidadão da Europa. (*Graal* 2: 195)

Volta a citar Curtius, para corroborar as suas crenças a respeito de Roma: «Somos europeus quando nos convertemos em *ciues Romani*.» (*Graal* 2: 195)

Por outro lado, o autor de *O Corpo Iluminado*, não perdendo uma boa polémica –, aproveita ainda as páginas deste número da revista para desmontar e rebater, ponto por ponto, todas as afirmações alegadamente falaciosas, proferidas por Gaspar Simões, a propósito da *Távola Redonda* e da sua continuadora, **Graal**; da colaboração do padre Manuel Antunes que, segundo aquele co-fundador da *Presença*, "é quem dá à revista o seu programa estético, pois que, se *Graal* tem uma doutrina, a doutrina da geração dos cavaleiros da *Távola Redonda*, é Manuel Antunes quem lha confere com o seu antelóquio intitulado «Para uma Estética Personalista»." De "denúncia" em denúncia, de "rectificação" em rectificação, de "esclarecimento" em esclarecimento, sempre apoiado em citações daquele escritor e crítico literário – «E se até aqui ainda não tínhamos podido apreender o escopo da geração que se reúne em volta de *Graal* – era difuso, ambíguo e inconsistente o seu propósito enquanto geração literária –, pelo menos agora já sabemos...». Contrapondo, o autor de *Os Quatro Cantos do Tempo* recorda, com uma ironia muito própria, quão diferentes eram as palavras de Gaspar Simões, ao fazer a crítica dos fascículos 9 e 10 de *Távola Redonda*, em termos encomiásticos: «Hoje em dia, *Távola Redonda* representa entre nós, a melhor tradição do que poderemos considerar o espírito essencial da poesia.» (Gaspar Simões, 1951), ou ainda – um ano depois – referindo-se ao fascículo 11 destas "folhas de poesia" –, o facto de se «sentarem» à volta da *Távola Redonda*, «poetas de tendências diversas, embora mantendo um rumo fixo, com a agulha magnética da maior parte a apontar para o polo de um certo classicismo – um classicismo moderno, rectifique-se» (Gaspar Simões, 1952). O jovem polemista rebate, com ardor, a designação de "entrelóquio", apresentando situações análogas, ocorridas noutras revistas literárias portuguesas.

Na linha do primeiro número, nomes já consagrados, ou promissores, prestam a sua colaboração, contemplando todas as modalidades literárias, neste segundo número: para além do prestigiado Jacinto do Prado Coelho, e do promitente David Mourão-Ferreira, cito, aleatoriamente, o director da revista – António Manuel Couto Viana –, Fernanda Botelho, Goulart Nogueira, o próprio ilustrador António Vaz Pereira, Tomaz Kim, Maria

Manuela Couto Viana, Luiz de Macedo, José António Ribeiro, Ester de Lemos e Jorge Nemésio. A fechar este segundo número, Maria de Lourdes Belchior faz uma recensão crítica ao livro de poesia davidiana, *Tempestade de Verão*, contemplado com o prémio Delfim Guimarães. (*Graal* 2: 210)

42

No *Graal* 3, Mourão-Ferreira estreia-se como ficcionista, com a publicação do conto "E aos costumes disse nada" (*Graal* 3: 247-272), que dedica a sua amiga e companheira na aventura literária, Fernanda Botelho. É a história de amores ilícitos, que têm como pano de fundo o quotidiano enfadonho de um quartel militar, e que fazem adivinhar a importância que esta temática assumirá ao longo da sua vida e da sua obra diversificada – espelho dessa vivência. Também aqui as ilustrações proliferam, a tornar mais atractiva a leitura do texto, sendo de evidenciar as de Júlio Gil: com um traço esquemático, mas hábil, (Figura 5, *Graal* 3:247),



o artista transmite-nos todo o despertar de uma fantasia e de uma emoção, que um simples telefonema pode despertar, o jogo simultâneo de revelação/ocultação, instigador de uma curiosidade juvenil, capaz de romper toda a monotonia da vida do quartel, pressuposta na cena ao fundo, à direita. A meio-plano, o quadro-chaveiro poderá querer simbolizar a abertura de novas portas a um futuro desconhecido, mas promissor, de que aquele telefonema será o início. Do mesmo modo, já no desenrolar da história, Gil consegue passar-nos imediatamente a imagem do estereótipo tradicional de um primeiro encontro amoroso, em que "ele" procura seduzir, e "ela" tenta aparentar uma resistência corporal, que só a fisionomia atraiçoa (Figura 6, *Graal* 3: 259).



Sugestivamente, a ilustrar o fim do conto, o artista reúne os seus três principais intervenientes: olhos nos olhos, o desejo e a paixão consomem os dois amantes. Do terceiro personagem, só resta o retrato, que amarelece numa moldura fora de moda (Figura 7, *Graal 3*: 272).



(Do volume de novelas em preparação:

AS MANILAS DE LISBOA.)

Outros desenhadores colaboram, igualmente, neste terceiro número, como José Amaro Júnior, José Escada, Marcelo de Moraes e René Bértholo, para além do sempre presente António Vaz Pereira, já nosso conhecido da *Távola Redonda*.

Na penúltima secção deste terceiro número, a atenção do autor de *Órfico Ofício* centra-se em várias personalidades do mundo literário hispânico, nomeadamente Juan Ramón Jiménez, congratulando-se pela atribuição do Prémio Nobel de Literatura do ano de 56, a este grande poeta e «andaluz universal»; Álvaro Lins e os primeiros volumes do seu *Jornal de Crítica*, – o grande crítico literário brasileiro que, em boa hora, "acaba de ser nomeado para o cargo de Embaixador do Brasil, em Lisboa", facto, esse, que leva **Graal** a desejar "– com toda a simplicidade, mas também com o maior entusiasmo – associar a sua voz ao coro de boas-vindas com que todos aqui o esperam." (*Graal* 3: 325).

Finalmente, Mourão-Ferreira ainda dá a sua contribuição com duas recensões críticas: uma, sobre a recém publicada obra, *Histórias Castelhanas*, de Domingos Monteiro,

Poeticamente motivadas por um conjunto de circunstâncias em que intervieram reminiscências da infância, razões de ordem geográfica; sortilégio telúrico sentido *in loco*, e ainda a decisiva influência do conhecimento da personalidade de Unamuno e da obra de António Machado. (*Graal* 3: 329);

outra, sobre o intelectual que muito admira, pela sua humanidade e profundos conhecimentos, não só de Literatura como de outras ciências de algum modo a ela ligadas: o seu professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Jacinto do Prado Coelho. Segundo este seu discípulo, é "o mais qualificado representante", em Portugal, dos estudos sobre a complementaridade entre a filologia e a estética, "através da nova disciplina: a moderna Estilística, ou Estilística *lato sensu*." (*Graal* 3: 330). Empregando a terminologia de Spitzer – a «da observação do pormenor a unidades mais amplas»-, e socorrendo-se de uma citação de Aby Warburg: «Deus está no pormenor», David enaltece a metodologia indutiva do seu mestre que, investigando simultaneamente domínios como a história da língua e a do estilo, a partir do "sistema vocabular" de Matias Aires,

indaga as possibilidades do português do século XVIII como veículo de pensamento e, mais particularmente, os recursos e as limitações de expressão daquele pensador setecentista. (*Graal* 3: 331)

Já a propósito da abordagem de um trabalho de Garrett – aquele romântico que tão decisivamente marcou a poesia davidiana e do qual se festeja, neste ano de 99, a efeméride dos duzentos anos do seu nascimento –, Mourão-Ferreira salienta que, nesta segunda parte do trabalho acerca de *Garrett Prosador*, o professor substitui – "aparentemente" – o método indutivo pelo método dedutivo, partindo da «afirmação cuja verdade todos intuimos», a de que «o moderno, na prosa literária portuguesa, foi, sem dúvida, uma criação de Garrett», e decide, pela análise estilística, comprová-la. Prossequindo a sua recensão crítica em termos elogiosos –

porque merecidos –, o autor de *No Veio de Cristal* expõe, em jeito de justificação:

Primo: porque o método, implícito nestes trabalhos do prof. Prado Coelho, se nos afigura fecundíssimo e, pelo menos entre nós, «cheo de novidades» (como diria Afonso de Albuquerque): raros são, de facto, entre nós, os estudos que se caracterizam por esta mistura de rigor filológico e de intuição estética, por este equilíbrio entre a segura investigação do pormenor e a ampla visão de conjunto. (*Graal* 3: 331)

Posto que o seu nome continue a figurar na constituição do corpo redactorial do quarto número, parece sintomático que Mourão-Ferreira já não colabore nele, ainda que nomes como António Quadros, José Blanc de Portugal, Agustina Bessa Luís, Vítor Matos e Sá, Ricardo Alberty, Ilika Sanches, Urbano Tavares Rodrigues, Herberto Helder, Manuel Breda Simões, entre outros, o tenham feito, pela vez primeira, nesta revista. De António Vaz Pereira, sempre ele, a capa e vinheta valorizam este último exemplar, a par de ilustrações, já mais raras, de René Bértholo, de Marcelo de Moraes, e algumas outras repetidas, dos três números anteriores. A ausência de David Mourão-Ferreira, como colaborador deste último número, poderá, eventualmente, ter precipitado o fim de mais um projecto literário, que conseguiu agregar à sua volta um grupo de amigos e fiéis cultores das artes. Tudo indica que o jovem intelectual – como outros dos seus companheiros – se sentiu preparado e apto para um percurso individual, possuído de um espírito de independência que só a maturidade literária proporciona, e de um eclectismo que, desde logo, deixa antever.

Graal termina, então, abruptamente, sem que os seus colaboradores mais chegados o tenham pressentido e anunciado, sem uma explicação sequer – sem uma despedida –, ao contrário do que aconteceu com a sua antecessora e modelo *Távola Redonda*, de que Mourão-Ferreira foi um dos principais mentores. Ao darem por finda esta, foi prometida uma continuidade, quer em termos de códigos de conduta, quer na união dos elementos que nela colaboraram, quer ainda na contínua demonstração afortunada da complementaridade das artes, *quintessência* do Modernismo. A revista *Graal* já não é – como a *Távola Redonda* o foi – local de génese e amadurecimento poéticos: outrossim, nela encontramos o autor de *Um Amor Feliz* já senhor de uma obra individual, por si só afirmada e confirmada, num compromisso conscientemente assumido com a Poesia, em particular, e com a Literatura, em geral, chegando a atingir uma *performance* criativa e formal notável, na celebração triádica do Amor, da Mulher e da Vida, independentemente da ordem em que são cantados, porque numa fusão total.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Manuel – “Para uma estética personalista”, revista *Graal* 1, Lisboa, Abril-Maio, 1956;

BELCHIOR, Maria de Lourdes – “Recensão crítica ao livro de poesia *Tempestade de Verão*, de David Mourão-Ferreira”, *Graal* 2, Junho-Julho, 1956;

MOURÃO-FERREIRA, David – “Grinalda para o próximo terramoto de Lisboa”, *Graal* 1;

Id. – “O tema de amor na poesia de Vinicius de Moraes / notas para um estudo”, *Graal* 1;

Id. – “Thomas Mann”, *Graal* 1;

Id. – *Contrabando*, *Graal* 2;

Id. – “Ernst-Robert Curtius”, *Graal* 2;

Id. – “A Távola Redonda, o *Graal* e o Sr. João Gaspar Simões”, *Graal* 2;

Id. – *E aos costumes disse nada*, *Graal* 3, Outubro-Novembro, 1956;

Id. – “Álvaro Lins”, *Graal* 3;

Id. – “Juan Ramón Jiménez”, *Graal* 3;

Id. – “Domingos Monteiro – *Histórias Castelhanas*”, *Graal* 3;

Id. – “Jacinto do Prado Coelho: O vocabulário e a frase de Matias Aires”, *Graal* 3;

Id. – “Jacinto do Prado Coelho: Garrett Prosador”, *Graal* 3;

PAÇOS, Fernando – “Na conclusão do mundo que tombava”, *Graal* 1;

Revista Graal 4, Lisboa, Dezembro-Julho, 1956-1957;

ROCHA, Clara – *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985;

SIMÕES, João Gaspar – “Távola Redonda 9 e 10”, *Diário do Norte*, 8.2.1951;

Id. – “Távola Redonda 11”, *Diário Popular*, 7.2.1952;

VIANA, António Manuel Couto – “*Graal*”, *Graal* 1.